

SOPA DE LETRINHAS?

Regina Facchini

Movimento homossexual e produção
de identidades coletivas nos anos 90



Coordenação

Maria Alzira Brum Lemos

CONSELHO EDITORIAL

Bertha K. Becker

Candido Mendes

Cristovam Buarque

Ignacy Sachs

Jurandir Freire Costa

Ladislau Dowbor

Pierre Salama

COLEÇÃO sexualidade, gênero e sociedade

Dirigida por Maria Luiza Heilborn e Sérgio Carrara

Coordenação Editorial

Jane Russo e Anna Paula Uziel

Assistente

Alessandra de Andrade Rinaldi

CONSELHO EDITORIAL

Albertina Costa

Daniela Knauth

Leila Linhares Barsted

Maria Filomena Gregori

Mariza Correa

Parry Scott

Peter Fry

Regina Barbosa

Richard Parker

Roger Raupp Rios

COLEÇÃO sexualidade, gênero e sociedade

homossexualidade e cultura

SOPA DE LETRINHAS?
Movimento homossexual e produção de
identidades coletivas nos anos 90

Regina Facchini

Garamond
LITERARIA

Copyright © dos autores

Editora Garamond Ltda.

Caixa Postal: 16.230 Cep: 22.222-970

Rio de Janeiro – Brasil

Telefax: (21) 2224-9088

e-mail: editora@garamond.com.br

Projeto Gráfico de Capa e Miolo

Anna Amendola

Revisão

Maíra Alves

Michelle Strzoda

Editoração Eletrônica

Tiago Rodrigues de Castro

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
DO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

F124s

Facchini, Regina

Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990 / Regina Facchini. – Rio de Janeiro: Garamond, 2005

304p. 14x21cm – (Sexualidade, gênero e sociedade. Homossexualidade e cultura)

ISBN 85-7617-055-8

1. Homossexualidade – São Paulo (SP). 2. Homossexualidade – Aspectos sociais. 3. Movimentos sociais – São Paulo (SP). I. Título. II. Série.

05-1255.

CDD 306.76620981611
CDU 316.346.2-055.3

Apoio:



FORD FOUNDATION

Ao meu filho, Raul Negreiros

AGRADECIMENTOS

Este livro é resultado de pesquisa que realizei entre os anos de 1997 e 2001 para minha dissertação de mestrado em antropologia social, apresentada ao Departamento de Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, em 2002.

Quando comecei este trabalho, o movimento homossexual paulistano estava passando pelo processo que chamo nas páginas deste livro de “reflorescimento”. Ao iniciar a pesquisa a partir de um pequeno grupo ativista, não imaginava que ele se tornaria referência nacional, nem que teria importante papel no surgimento da proposta local de visibilidade em massa através da realização de paradas. Hoje, o Corsa é uma das referências no ativismo e na abordagem da temática da educação relacionada à homossexualidade em âmbito nacional. As paradas, embora com diversos formatos locais, se espalharam por todo o país. Em 2004, ocorreram mais de quarenta paradas pelo país, colocando o Brasil no segundo lugar num *ranking* internacional de quantidade de paradas organizadas por país, e a Parada do Orgulho GLBT de São Paulo foi reconhecida pelo movimento internacional como “a maior parada do mundo”, com números que variaram, de acordo com a fonte, entre um milhão e quinhentos e um milhão e oitocentos mil participantes. Não imaginava também que o Fórum Paulista GLBT fosse se desarticular e, posteriormente, retomar suas atividades com mais de 45 grupos/organizações, nem que grupos que eram parceiros no momento em que

pesquisei fossem passar por processos de cisão e realinhamentos, que tiveram repercussões locais e nacionais.

Ao levar em conta o dinamismo do movimento, optei por manter o texto original, uma vez que qualquer tentativa de atualização dos resultados aqui apresentados demandaria uma nova pesquisa. Se a análise e as informações que compõem este estudo são relevantes o suficiente para justificar sua publicação, meu compromisso ético de pesquisadora frente ao campo requer um aviso aos leitores com relação ao caráter contextual das descrições sobre relações e posições políticas dos vários atores sociais citados. Os discursos e situações registrados em campo e apresentados neste livro não podem nem devem ser descolados de seu contexto de origem.

Durante todo o período que compreendeu a elaboração e a realização desta pesquisa, a escrita original deste texto e sua preparação para publicação, contei com o apoio, o estímulo e a colaboração de várias pessoas e instituições. Algumas delas não poderiam faltar numa sessão de agradecimentos.

A Guita Grin Debert e Maria Filomena Gregori, que orientaram esta pesquisa, pelo acolhimento, pelo estímulo, pela generosidade e riqueza de suas sugestões e pela paciência frente a minhas aflições e descaminhos.

A Peter Fry, Júlio Assis Simões, Mariza Corrêa e Heloísa Pontes, que participaram das bancas de qualificação e defesa deste trabalho, brindando-o com sua leitura atenta e generosa, sugestões e críticas fundamentais.

Ao estímulo de Peter Fry, Júlio Assis Simões, Sérgio Carrara, Guita Grin Debert, Maria Filomena Gregori, Regina Maria Barbosa, Maria Luiza Heilborn e Anna Paula Uziel no processo de publicação deste trabalho. E a todo cuidado e carinho que a coordenação e a equipe do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos dispensou a esta publicação.

A Edward MacRae, Peter Fry, James Naylor Green e João Silvério Trevisan, “referências bibliográficas” com as quais tive oportunidade de conversar sobre partes deste trabalho durante o processo de pesquisa, pelas sugestões e pelo apoio.

Novamente, a Júlio Assis Simões, e a Cláudio Novaes Pinto Coelho e Sônia Nussenzweig Hotimsky, que, desde os tempos de graduação na Escola de Sociologia e Política, incentivaram minha entrada na vida acadêmica e foram presenças fundamentais em vários e diferentes momentos da elaboração deste trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Unicamp, por criarem condições para que minha passagem pelo mestrado tenha sido uma experiência rica e transformadora.

A Cláudio Roberto da Silva, por nossas discussões, leituras compartilhadas e longas conversas telefônicas, cujo conteúdo está presente nas páginas deste livro. A Isadora Lins França e Gustavo Gomes da Costa Santos, com quem pude discutir e trocar referências durante o período em que preparava a publicação deste trabalho, pelo estímulo que nossas trocas representaram para a proposta de publicar esta pesquisa.

Aos colegas do grupo de estudos de gênero da Unicamp, por tudo que pudemos aprender juntos, especialmente à Heloísa Buarque de Almeida, à Érica Renata de Souza e ao Marko Monteiro.

Aos ativistas dos grupos Corsa, NGLPT, Etcétera e Tal, Caehusp, Identidade e da Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, com quem pude compartilhar o cotidiano da militância homossexual e a quem devo todo o meu respeito, carinho e gratidão.

Aos membros da diretoria do grupo Corsa no período de 1997 a 2000, por me permitirem realizar o trabalho de campo a partir de suas atividades. Aos entrevistados formais e informais desta pesquisa, pela disposição em falar sobre suas experiências no ativismo. Sem estes apoios, o trabalho não teria sido possível.

A Érica Peçanha do Nascimento, pela colaboração na transcrição e organização das entrevistas e a Maria Alzira, pela revisão do texto para publicação.

A Eliane Christina de Souza, Cláudio Cezar Xavier, Paulo Giacomini e Luiz Carlos Munhoz, amigos cuja presença foi fundamental no processo de elaboração desta pesquisa e redação da dissertação.

A Isadora Lins França, Tatiana Maria Freire Gröff, Edmar Torres e Sílvio Dezidério, pelo companheirismo, cuidado e estímulo cotidianos e por terem compartilhado minhas expectativas, incertezas e conquistas

em diferentes momentos deste trabalho.

À minha família, especialmente aos meus pais, Carlos e Isaura, e ao meu irmão, Robson, por estarem sempre presentes em minha vida. Ao meu filho, Raul Negreiros, que cresceu ouvindo falar em faculdade, mestrado, dissertação, prazos e muito trabalho.

Ao CNPq, pelo financiamento para a pesquisa que deu origem a este livro.

ÍNDICE

PREFÁCIO Júlio Assis Simões	_13_
INTRODUÇÃO	_19_
DEFINIÇÃO DO TEMA E CONSTRUÇÃO DA QUESTÃO DA PESQUISA	_21_
RELAÇÃO ENTRE IDENTIDADE E MOVIMENTOS SOCIAIS	_27_
METODOLOGIA E TRABALHO DE CAMPO	_37_
ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS	_44_
MOVIMENTOS SOCIAIS E ONGS: UM DIÁLOGO COM A LITERATURA	_47_
“ALTERNATIVOS” OU “POPULARES”? “VELHOS” OU “NOVOS”? “AUTONOMIA” X “INSTITUCIONALIZAÇÃO”	_55_
NOVAS ABORDAGENS PARA UM NOVO CONTEXTO A ESPECIFICIDADE DAS ONGS	_62_
MOVIMENTO HOMOSSEXUAL: RECOMPONDO UM HISTÓRICO	_87_
O GRUPO SOMOS E A “PRIMEIRA ONDA” DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL BRASILEIRO ANOS 1980: DECLÍNIO OU	_93_

PERÍODO DE TRANSFORMAÇÕES?	_102_
OS ANOS 1990 E O REFLORESCIMENTO DO MHB	_119_
A IMPORTÂNCIA DAS “CONEXÕES ATIVAS”: O “CAMPO” E A “ARENA” DO MHB	_149_
A AIDS, AS “RESPOSTAS COLETIVAS À EPIDEMIA” E O MHB	_158_
O FORTALECIMENTO DA “HOMOSSEXUALIDADE” COMO FATOR GERADOR DE IDENTIDADES PESSOAIS E COLETIVAS	_171_
SÃO PAULO, SEGUNDA METADE DOS ANOS 1990: O GRUPO CORSA	_185_
O GRUPO CORSA	_187_
DINÂMICA INTERNA E RELAÇÕES EXTERNAS: TRÊS MOMENTOS NA TRAJETÓRIA DO CORSA	_218_
SOPA DE LETRINHAS?: PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES COLETIVAS	_248_
CONSIDERAÇÕES FINAIS	_273_
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	_283_
ANEXO I	_295_
ANEXO II	_299_

PREFÁCIO

Júlio Assis Simões

Grupos de militância homossexual vieram à luz, no Brasil, no final dos anos 1970, no embalo do grande movimento de oposição à ditadura militar, trazendo à cena pública o anseio de que a homossexualidade, como toda forma de amor e desejo, pudesse ser vivida e exaltada sem restrições. Na década seguinte, essa disposição ativista definiu, e a chama libertária que a tinha inspirado ameaçava aniquilar-se de vez em meio ao rastro de intolerância, violência e morte deixado pela epidemia HIV/Aids.

Bem o contrário, porém, foi o que sucedeu nos anos 1990: iniciativas militantes em torno da homossexualidade – tanto de combate à Aids como de extensão da agenda de direitos civis – multiplicaram-se e expandiram-se por todo o país, com formatos institucionais distintos e conexões internacionais renovadas. Outra novidade foram as “paradas”, estratégias de ativismo que privilegiaram a visibilidade de massa. Grandes manifestações de celebração da variedade de orientações e estilos abrigados sob o amplo guarda-chuva da homossexualidade ocorrem, hoje em dia, em várias cidades brasileiras, numa mistura inédita de festa e política que agrega multidões: na cidade de São Paulo, já reuniram mais de um milhão de participantes, algo que decerto ultrapassaria a expectativa mais otimista do mais entusiasta militante daquele passado não tão longínquo.

Como compreender essa reversão de expectativas, essa vibrante revitalização das expressões culturais e políticas da homossexualidade, sob condições que se mostravam tão hostis? Não há respostas simples. Mas este livro de Regina Facchini, resultado de uma dissertação de mestrado em antropologia social defendida na Unicamp, em 2002, ajuda-nos a decifrar o mistério. A autora focaliza um dos pontos da rede de relações sociais de ativistas e organizações que compõem o “movimento homossexual” – no caso, o grupo Corsa, formado na cidade de São Paulo, em 1995. Da narrativa sensível, detalhada e precisa do desenvolvimento da identidade institucional do grupo, suas atividades, sua dinâmica interna e suas relações com outros pontos da mesma rede – fundada na melhor tradição da observação direta e da convivência prolongada com os sujeitos pesquisados – emerge uma análise exemplar dos processos complexos de construção de identidades coletivas e sujeitos políticos no período em que se gesta e se projeta a acentuada visibilidade hoje adquirida pelo ativismo associado à homossexualidade.

Regina Facchini articula com sabedoria a percepção etnográfica, de quem conhece seu objeto “por dentro”, e a preocupação de identificar estruturas e processos de alcance mais amplo. Dosa a ênfase qualitativa da pesquisa com dados quantitativos sobre o crescimento dos grupos políticos homossexuais nos anos 1990 e sobre o perfil dos participantes do Corsa. Assim, brinda-nos com um excelente relato do percurso que levou um grupo de forte tendência comunitária, despojado do ponto de vista organizacional e armado de uma retórica difusa em favor das “minorias sexuais”, a adotar progressivamente uma estruturação formal, com cargos e papéis de coordenação fixos, atividades delimitadas em função de projetos, financiamentos, apresentação de resultados e interação crescente com técnicos de agências governamentais, associações internacionais, parlamentares, empresários, a mídia, a aproximar-se, em suma, do modelo ideal de “organização não governamental”.

Trata-se de um percurso inevitavelmente marcado por tensões, disputas e rompimentos entre seus integrantes. Mas as interações singulares são interpretadas à luz de pesquisas e reflexões sobre movimentos sociais e organizações não governamentais – e aqui é importante sublinhar a especificidade do ponto de vista antropológico que conduz a análise.

Fugindo à tentação de substantivar e reificar aquelas duas modalidades numa oposição abstrata entre “autonomia” e “institucionalização”, Regina Facchini mostra-as como dois pólos de orientação, ou categorias de referência, em meio às quais navegaram grupos como o Corsa, no trajeto de constituição e negociação de sua identidade institucional. Dessa perspectiva, aspectos da história pessoal dos integrantes do grupo – formação escolar, articulação verbal, relacionamentos sociais, experiências de atuação política – aparecem como elementos hierarquizadores acionados em disputas situacionais; e estas, por sua vez, permitem descortinar o contexto de valorização ou desvalorização de estilos de militância e, concomitantemente, de rejeição ou adoção de dados perfis institucionais. Embora quase sempre amargos e destrutivos, os conflitos revelam-se fundamentais para a compreensão dos dilemas enfrentados e das escolhas particulares feitas posteriormente pelo grupo.

Para entender o contexto que molda as escolhas e os caminhos trilhados, é crucial atentar para as relações que os atores que compõem o movimento homossexual – e o grupo Corsa, em particular – mantêm com outros atores no cotidiano da militância. Ao caracterizar e desvendar tais “conexões ativas”, é digno de nota o modo como a autora se vale dos conceitos de “campo” e “arena”, forjados na análise antropológica de processos políticos locais. Tais conceitos permitem traduzir o movimento e o grupo em termos da diversidade e da mobilidade dos atores nele envolvidos, levando em conta a fluidez dos recursos materiais e simbólicos empregados pelos participantes e o alcance flexível de suas redes sociais e territoriais. Ressalta-se, assim, a configuração polimorfa do movimento homossexual, congregando grupos comunitaristas, setores de partidos políticos, ONGs, associações estudantis e até grupos religiosos. Ressalta-se, também, a importância das parcerias com o Estado e as agências públicas governamentais, intensificadas sobretudo a partir das ações de prevenção e combate à Aids, bem como a interlocução com ONGs internacionais, agências multilaterais e pactos internacionais de direitos humanos, como suportes da relação com o Estado e, eventualmente, como fonte de recursos. O contexto de internacionalização das relações sociais do movimento homossexual é realçado pelas conexões com entidades como a Ilga (International

Lesbian and Gay Association) e a InterPride, organização internacional que congrega associações que promovem eventos de “orgulho *gay*”. Por fim, mas não menos importante, cabe destacar o crescimento de um mercado específico para o público homossexual ou GLS (*gays*, lésbicas e simpatizantes) e seu papel na promoção e constituição de identidades e estilos de vida específicos.

Regina Facchini sugere que essas conexões ativas, notadamente as agências estatais e o mercado segmentado, contribuem para reforçar a adesão a um sistema classificatório baseado na distinção de orientação sexual e, assim, tornam viável uma modalidade de política identitária. Podemos acompanhar, então, a proliferação de siglas (a “sopa de letrinhas”) e a decorrente multiplicação de categorias destinadas a nomear o sujeito político do movimento: GLT (*gays*, lésbicas e travestis) e GLBT (*gays*, lésbicas, bissexuais e transgêneros) são siglas propostas em diálogo crítico com outras, como GLS (que preservava certa ambigüidade classificatória em nome da inclusão); ou HSH (homens que fazem sexo com homens), das políticas de saúde (que buscava contornar o problema da falta de coincidência entre comportamentos e identidades sexuais).

Entretanto, a interpretação da autora sobre as relações ambíguas entre os ativistas e o mercado segmentado, envolvendo proximidade e desconfiança mútua, apresenta elementos valiosos para se pensar as singularidades do movimento homossexual em São Paulo, assim como sua bem-sucedida Parada do Orgulho GLBT – criadora de um espaço inclusivo de atuação política por meio de uma peculiar louvação das possibilidades de convivência com a diversidade.

A pesquisa de Regina Facchini mostra também que, apesar dessas mudanças, persistem muitas características da dinâmica interna do movimento homossexual apontadas pelo estudo pioneiro de Edward MacRae sobre o grupo Somos/SP: “populares” ainda medem forças com “universitários”. Os que têm formação escolar superior e mais experiência de atuação política seguem pontificando e tendo mais influência nas decisões. Novos grupos e organizações continuam a surgir a partir de “rachas” em entidades estabelecidas. Conflitos intergrupais e esforços de normatização e controle de condutas e expressões ainda consomem muito da energia dos ativistas.

Essas tensões recorrentes se manifestam no embate entre as aspirações inclusivas e pluralistas, de um lado, e a adesão compulsória à lista de identidades reconhecidas como alvo da ação do movimento, de outro. Trata-se, como bem expressa Regina Facchini, do dilema entre a “cidadania” e o “orgulho” – palavras de onde se extraíram as letras iniciais do nome Corsa. O desafio está em combiná-las sem que uma esvazie o sentido da outra.